

ERA UMA VEZ A PADROEIRA NEGRA DE UM PAÍS RACISTA:
Embranquecimento e enegrecimento de Nossa Senhora Aparecida

ONCE UPON A TIME THERE WAS A BLACK PATRON SAINT OF A RACIST COUNTRY:
The whitening and blackening of Our Lady of Aparecida

ÉRASE UNA VEZ UNA PATRONA NEGRA DE UN PAÍS RACISTA:
Embrancar y ennegrecer a Nuestra Señora de Aparecida

IL ÉTAIT UNE FOIS LA SAINTE PATRONNE NOIRE D'UN PAYS RACISTE:
Embranchissement et noircissement de Notre-Dame d'Aparecida

Ellen Cristina dos Santos Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, PUC-SP, São Paulo, Brasil
ellencristinasoliveira@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3418-9641>

Orlando Caldeira de Farias Junior

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, PUC-SP, São Paulo, Brasil
orlandocfjunior@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-7843-4739>

Recebido em: 21/10/2024

Aceito para publicação: 17/06/2025

Resumo

O artigo almeja investigar como Nossa Senhora Aparecida, santa católica que por essa religião a nomeia como Padroeira do Brasil, possui um ponto de interrogação acerca de sua cor: afinal, sua imagem é branca ou preta? Para as conjecturas formuladas que procuram responder à indagação proposta ao longo do texto, recorremos a produções contra coloniais de mulheres majoritariamente negras para fazer uma análise do histórico da mulher negra no Brasil desde os tempos coloniais a atualidade, assim como trazer ao diálogo autores que defendem a ideia de que a santa foi enegrecida, e que sua imagem nunca foi escura. Recorrendo ao método comparativo, netnografia e semiótica como instrumentais para coleta de dados e os cruzando com o referencial teórico de autores, encontramos a conjectura de que, uma possibilidade do que ocorre com Nossa Senhora Aparecida é uma estética esbranquiçada histórica combatida por um resgate à sua negritude.

Palavras-chave: Aparecida; Embranquecimento; Enegrécimento; Mãe preta; Hipersexualização.

Abstract

The article aims to investigate how Our Lady of Aparecida, the Catholic saint who is named the Patron Saint of Brazil, has a question mark over her colour: is her image white or black? In order to formulate conjectures that seek to answer the question proposed throughout the text, we turned to counter-colonial productions by mostly black women to analyse the history of black women in Brazil from colonial times to the present day, as well as bringing into dialogue authors who defend the idea that the

saint was blackened, and that her image was never dark. Making use of the comparative method, netnography and semiotics as tools for data collection and cross-referencing them with the theoretical framework of authors, we found the conjecture that one possibility of what happens to Our Lady of Aparecida is a historical whitened aesthetic combated by a rescue of her blackness.

Keywords: Aparecida; Whitening; Blackening; Black mother; Hypersexualisation.

Resumen

El artículo pretende investigar cómo Nuestra Señora de Aparecida, santa católica nombrada Patrona de Brasil, tiene un interrogante sobre su color: ¿su imagen es blanca o negra? Para formular conjeturas que busquen responder a la pregunta propuesta a lo largo del texto, recurrimos a producciones contracoloniales de mujeres mayoritariamente negras para analizar la historia de la mujer negra en Brasil desde la época colonial hasta la actualidad, además de poner en diálogo a autores que defienden la idea de que la santa fue ennegrecida y que su imagen nunca fue oscura. Utilizando el método comparativo, la netnografía y la semiótica como herramientas para la recolección de datos y cruzándolos con el marco teórico de los autores, encontramos la conjetura de que una posibilidad de lo que ocurre con Nuestra Señora de Aparecida es una estética histórica blanqueada combatida por un rescate de su negritud.

Palabras clave: Aparecida; Blanqueamiento; Ennegrecimiento; Madre negra; Hipersexualización.

Résumé

L'article vise à étudier comment Notre Dame d'Aparecida, la sainte catholique qui est nommée patronne du Brésil, a un point d'interrogation sur sa couleur: son image est-elle blanche ou noire ? Afin de formuler des conjectures qui cherchent à répondre à la question proposée tout au long du texte, nous nous sommes tournés vers des productions contre-coloniales réalisées principalement par des femmes noires pour analyser l'histoire des femmes noires au Brésil depuis l'époque coloniale jusqu'à nos jours, ainsi que pour faire dialoguer des auteurs qui défendent l'idée que la sainte a été noircie, et que son image n'a jamais été foncée. En utilisant la méthode comparative, la netnographie et la sémiotique comme outils de collecte de données et en les croisant avec le cadre théorique des auteurs, nous avons émis l'hypothèse que l'une des possibilités de ce qui arrive à Notre-Dame d'Aparecida est une esthétique historique blanchie combattue par un sauvetage de sa noirceur.

Mots-clés: Aparecida; blanchiment ; noircissement ; mère noire ; hypersexualisation.

Introdução

*Nunca li a Bíblia, mal passei em porta de igreja
Nunca botei fé em religião
Só tenho Deus e uma certeza
Que aqui no inferno, até o diabo tem perdão vai 'pra' cima
Que todo homem merece misericórdia, a graça de Nossa Senhora Aparecida*
(Facção Central – Brincando de Marionetes)

O artigo ambiciona a compreensão da leitura da cor de Nossa Senhora Aparecida. A santa, com título de *Padroeira do Brasil* para os católicos, e como trouxemos na epígrafe, mesmo muitos que não creem em seu poder de intercessora, possui um plano de fundo que gera discussões, tanto na literatura quanto no empírico: sua tez.

Segundo a Tradição¹ Católica, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição com coloração escura foi encontrada por três pescadores no ano de 1717 no rio Paraíba do Sul. Os pescadores eram responsáveis pela pesca que iria compor a refeição de um banquete oferecido ao governador paulista Pedro de Almeida. Após infrutíferas tentativas de pegar os peixes, encontraram na rede o corpo da imagem da santa, e posteriormente sua cabeça. Após o fato, peixes apareceram e a pescaria foi um sucesso.

A partir daí o devocionário começou. Um dos pescadores, Felipe Pedroso, ficou com a imagem em sua casa, mas a fé dos populares cresceu e se fez necessário a construção de uma nova capela para atendê-los. A construção iniciou-se em 1734, que 100 anos após, foi finalizada. Após o relato de muitos milagres, foi necessário a construção de um novo templo, pois o espaço atual não suportava o número de fiéis que visitavam a imagem.

Em 1955 iniciaram a construção no novo local, e o ano de 1980 foi inaugurada a basílica. Mas, devido ao número de peregrinações que só crescia, o novo templo ganhou o título de santuário pelo Papa João Paulo II, e hoje, é conhecido como Basílica Santuário Nacional de Aparecida, o maior templo mariano do mundo, e considerada a segunda basílica global em tamanho, perdendo apenas para a Basílica de São Pedro, localizada no Vaticano.

O aparato histórico exibido tem a finalidade de propor o início da inquietação sobre sua cor. Na Basílica Santuário Nacional de Aparecida, a imagem exibida não é a original, mas uma restauração, pois ela (a original) sofreu um atentado em 1978, sendo destruída. Após o restauro, encontra-se em um espaço destinado à visitação, representada por uma imagem de coloração preta. Porém, encontramos representações brancas, e algumas diferentes de suas características. A problemática que estamos propondo é: se no maior templo católico mariano do mundo há uma imagem de Nossa Senhora Aparecida de cor preta, qual razão para reproduções brancas dela?

O âmago do artigo está exatamente nesse ponto. Para procurar entender a problemática e propor as hipóteses, recorreremos ao método comparativo. Sua aplicabilidade está embasada em Carlos Gil e seus comentários:

O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, **fenômenos** ou fatos, com vistas a **ressaltar as diferenças e similaridades entre eles**. Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, **separados pelo espaço e pelo tempo**. Assim é que podem ser realizados estudos comparando diferentes culturas ou sistemas políticos. Podem também ser efetivadas pesquisas envolvendo padrões de **comportamento** familiar ou **religioso** de **épocas diferentes** (GIL, 2008, p. 17, grifo nosso).

O autor nos mostra que o método investiga fenômenos, nos quais tem em vista ressaltar o que os difere ou sua similitude. No artigo, a proposta é entender as diferenças na literatura de quem lê a santa como preta e quem a entende como branca. A separação pelo espaço e tempo que propomos com o uso da metodologia é entender como autoras, que em nosso arcabouço são de maioria afrodescendente, leem o lugar social da mulher negra, afirmindo que o racismo exibe cicatrizes coloniais nos corpos dessas mulheres que a hipersexualizam e a rebaixam

¹ Tradição Católica é como a religião transmite os ensinamentos de Cristo a seus fiéis. Para a Igreja Católica, a Tradição é a transferência da Palavra de Deus oralmente, desde Jesus, passando pelos Apóstolos e chegando ao clérigo católico, ou por meio da escrita, transmitida aos fiéis pela bíblia e interpretada pelo Espírito Santo.

como serviçal de brancos, e que ao embranquecer a santa, seria o mesmo que colocar a mãe de Jesus a um lugar de pureza, mantendo um status quo que uma mulher negra não representaria a branquitude católica.

Outrossim, vamos exibir outra leitura da santa com recortes de imagens à época colonial que a conotam branca, mas que opiniões se diferem: ela é branca por uma falta de comunicação entre Brasil e os europeus que a moldaram ou, ela sempre foi branca e movimentos católicos e pastorais sociais da ala progressista da Igreja Católica a enegreceram no final do século XX?

Outro recurso que usaremos é a semiologia e a proposta de análise semiótica de imagens paradas de Gemma Penn (2008), para analisar imagens de Nossa Senhora Aparecida e comparar o espaço e o tempo, dialogando com a simbologia da santa com o método comparativo passado e presente.

Para a coleta de dados, além do referencial teórico com proposta contra colonial de informações, recorreremos à netnografia e o modo que Rebecca Rebs a lê:

Caracteriza-se pela sua utilização no campo da comunicação, visto que o ciberespaço oferece suportes, elementos, interações e processos sociais extremamente semelhantes aos ocorrentes no universo concreto. Do mesmo modo, o sujeito da atualidade mescla-se com universos online e offline, não deixando mais clara a separação entre estas duas esferas que compõem a atualidade (REBS, 2011, p. 82).

Na esteira da autora, entendemos que muitas entrevistas dos veículos de informação virtual dadas por pessoas influentes, como historiadoras e sacerdotes, possuem relevância ao construto das hipóteses, haja vista que, segundo Rebs, na atualidade, os sujeitos mensuram-se no virtual e no concreto. Mesmo assim, a autora dá um alerta: “Um processo de atuação e pensamento de um pesquisador sobre um objeto empírico atua como ‘verdade’ não absoluta, mas sim particular de um estudo que vai contribuir para novas reflexões” (REBS, 2011, p. 82).

A netnografia, embora seja parte importante da pesquisa, é ferramenta da coleta de dados, não sendo usada como único referencial e verdade. Por isso, as informações etnográficas virtuais serão mescladas ao que a literatura diz, em nossa proposta dicotômica de analisar a santa como preta e branca. Desses dados cruzados, apresentaremos as problemáticas secundárias e, por meio de tal confluência, apresentar as hipóteses que almejam responder às indagações dessa amalgama.

Embranquecimento: a hipersexualização e a mãe negra em Aparecida

De acordo com Silvio Almeida (2022, p. 24), “a noção de raça como referência distinta de categoria de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta a meados do século XVI. Raça não é um termo fixo estático”, e a partir dessa análise, justificamos compreender a necessidade de modificação da aparência de uma santa preta em uma sociedade racista.

No estado da arte, há autores de diversas áreas do conhecimento que retratam a aparência de Nossa Senhora Aparecida com padrões estéticos ocidentais colonizados, e apresentaremos eles no próximo item, pois nossa proposta está em apresentarmos uma ótica contra colonial. Entretanto, existem produções acadêmicas que colocam a negritude de Nossa Senhora

Aparecida em pauta, de maneira que justificam sua coloração retinta, como veremos nos parágrafos seguintes.

Apresentaremos também algumas justificativas contra coloniais buscando compreender sua coloração, pois lembramos que o âmago da pesquisa é entender Nossa Senhora Aparecida como preta retinta, seus simbolismos e significados para a população negra e não negra, consoante a construção do que significa ser negro na sociedade brasileira dos dias de hoje.

Segundo a historiadora Teresa Pasin (Nery, 2023), um padre jesuíta de nome Francisco, em carta por ele redigida quando esteve em Aparecida (Guaratinguetá à época), descreve que a imagem era de Nossa Senhora da Conceição, e fora moldada em barro trazido da cidade paulista de Santana de Parnaíba por um frei chamado Agostinho de Jesus. Sabido que Nossa Senhora da Conceição é branca, como a de Aparecida ficou negra?

Quando realizada uma pesquisa básica no Google do *por que Nossa Senhora Aparecida é negra*, as respostas apresentadas pelo logaritmo exibem duas versões principais: as justificativas são as velas e o barro das águas turvas do rio Paraíba do Sul. Quanto às velas, Pasin, pesquisadora de Nossa Senhora Aparecida, fala que as chamas podem ter escurecido a imagem de Nossa Senhora da Conceição:

Uma das principais hipóteses para a Santa ter o tom escurecido “mais precisamente cor de canela ou castanho escuro”, são as velas que sempre cercaram a imagem [...]. A imagem original se tratava de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal. Por isso, no Brasil Colônia foram produzidas muitas imagens de Conceição” (G1, 2023, grifo do autor).

O primeiro exemplo coloca o enegrecimento como resultado do uso excessivo de velas nas rezas diante da imagem de Nossa Senhora Aparecida como desprotélio e não houvesse possibilidade de se pensar na criação de uma imagem negra em seu tempo.

O segundo exemplo, explicado pela historiadora Rachel Abdala, utiliza a explicação química, apresentando traços que podem ser justificados pelas Ciências da Natureza, onde a origem e a relação de sua negritude seriam a *sujeira* fruto da sedimentação do rio Paraíba do Sul, ou seja, a conjectura é baseada pelo tempo que lá ficou submersa:

Não se sabe quanto tempo exatamente a imagem de Nossa Senhora ficou submersa no Rio Paraíba do Sul e nem como ela foi parar lá — a principal hipótese, nesse caso, é que tenha sido descartada por alguém por estar quebrada. Apesar disso, o fato de o encontro ter acontecido no rio sustenta um outro motivo atribuído ao escurecimento da imagem. [...]. O contato com a água fez a confecção perder boa parte da tinta (G1, 2023).

O simbolismo da imagem ter sido encontrada no rio com a cabeça separada do restante do corpo tem um significado aos povos ribeirinhos. Quando escravizadas eram abusadas sexualmente de brancos e engravidavam de seus abusos, eram decapitadas e lançadas ao rio, conforme tradição oral. Essa informação, como outras à época, assim sublinha a historiadora Lorena Ferés da Silva Telles, se faz necessário buscar os ecos da informação, pois:

Como é um tema sem uma fonte seriada, o pesquisador tem que buscar fontes de naturezas diversas, de autoria muitas vezes de 'senhores', homens brancos, com uma escrita com um teor extremamente racista, objetificante com relação às mulheres (MOTA, 2021).

Consoante à Telles, fica explícito que é preciso analisar além da aparência de uma Nossa Senhora Aparecida preta, pois em meio a escravização de pessoas, a imagem carrega um significado simbólico aos católicos até hoje, como o que extraímos da fala de populares que moram em Aparecida e reproduzem a oralidade de tempos idos, possivelmente de brancos racistas.

Conquanto, a imagem serviu para catequizar, e atualmente carrega diversos simbolismos, como o de ser a Padroeira do Brasil eleita pelo povo católico. É preciso perceber que a tratativa é referente aos significados que uma Nossa Senhora retinta traz com sua cor, sejam esses significados religiosos, sociais ou políticos, mas isso não impediu que existissem justificativas à sua cor.

As tentativas de embranquecer Nossa Senhora Aparecida partem de vários pressupostos: alguns tentam fazê-lo sutilmente, procurando apenas trabalhar sua imagem em gesso esbranquiçada e outros, de maneira mais elaborada, apresentando a relação entre a imagem encontrada e as águas do rio, cuja tratativa afirma que, o tempo o qual a imagem ficou submersa teria deixado a coloração escura. Porém, segundo Abdala (G1, 2023), o que essas teorias de embranquecimento não colocam é: o que o mais aceitável pelos quilombolas, ex-escravizados e escravizados à época é que a imagem e sua coloração de canela nunca pintada, tão pouco *queimada* ou *suja*, ou seja, sempre foi escura, fazendo pessoas negras se identificarem com a santa, pois se indaga: uma imagem parecida com um escravizado da época não seria possível? Aqui, é preciso lembrar que escravizados trouxeram consigo suas culturas, crenças, costumes e cotidianos, e eram completamente capazes de construir, pensar e confeccionar imagens, sejam essas religiosas ou não.

Outra questão colocada em pauta quando tratamos da cor da imagem são os traços nela encontrados originalmente: antes do atentado que a destruiu, a imagem exibia uma mulher com corpo apresentando curvas, nariz e lábios largos, munida de cabelos curtos e rosto arredondado, ou seja, detalhes além de sua cor. Outra questão apresentada por autores que defendem sua negritude é que, após o atentado resultante em sua depredação, foi restaurada com traços mais finos e com os cabelos cumpridos, conforme exibimos na figura 1:

Fig. 1: comparativo das imagens de Aparecida antes e após o atentado



Fonte: *Templário de Maria*, 2020

Recorrendo à semiologia, aplicamos o que Gemma Penn (2008) classifica como estágios para análise semiótica de imagens paradas. Para a autora, são necessários três estágios para estudarmos efigies, das quais aplicaremos à santa. O primeiro estágio consiste na seleção das imagens (Penn, 2008, p. 325); o segundo estágio na identificação dos elementos nela contidos (p. 326) e no terceiro estágio, observamos os níveis de significação mais altos (p. 328).

Na figura 1, há duas imagens lado a lado que representam o primeiro estágio, que chamamos de quantitativo. Depois, identificamos os elementos: uma imagem antes do atentado (à esquerda) e a sua reconstrução (à direita), que chamamos de qualitativo, o segundo estágio proposto por Penn. Para o terceiro estágio, os índices de significação mais altos, usamos o excerto do *Templário de Maria* (2020) e o aplicamos a ele (estágio):

Fotografia rara mostra como era originalmente a imagem de Nossa Senhora Aparecida antes do atentado de 1978 (esquerda) e fotografia da imagem após a restauração (direita). Notam-se algumas diferenças nas dobras do manto, sendo a maior diferença nos cabelos: antes curtos e agora longos (TEMPLÁRIO DE MARIA, 2020).

A fala das historiadoras Pasin e Abdala, o conceito raça proposto por Almeida e a semiótica de Penn aplicada à figura 1, nos apresentam algumas problematizações secundárias: por qual motivo sua coloração é colocada em pauta? Qual a importância do colorismo empregado à Nossa Senhora Aparecida? Existiria resistência relacionada à cor de pele? Independente de teorias acerca do tom da pele de Nossa Senhora Aparecida, seu simbolismo é de extrema

importância e identitário entre pessoas negras, onde todo esse simbolismo ultrapassa muitas delimitações, como afirmou Abdala na relação de negros e Nossa Senhora Aparecida desde o século XVIII.

Não obstante, a história do Brasil tem uma grande ingerência na forma a qual a Padroeira do Brasil é percebida, e como já apresentamos com Almeida, seu significado racial transpassa as relações da cor. Bell Hooks (2001) explica a relação entre brancos, negros e mestiços, tal qualmente, as tentativas de embranquecer a população com a criação de um *padrão de beleza esbranquiçado*:

Inicialmente, em todas as frentes, os negros escravizados se recusaram a abraçar noções brancas de nossas inferioridades, mas isso mudou quando o racista branco distribuiu privilégios e recompensas com base na cor de pele. À medida que isso acontecia, não se dividia apenas os negros uns dos outros, criando um nível de desconfiança e suspeita que não existia quando todos os negros eram semelhantes a cor de pele. As práticas da supremacia branca de procriação por meio do estupro de mulheres negras por seus proprietários brancos produziam descendentes mestiços, cujas cores de pele e características faciais, eram, de modo frequente, radicalmente diferentes da norma negra. Isso levou à formação de uma estética de castas de cor. Enquanto o racista branco nunca tinha considerado antes negros bonitos, eles criaram uma estética mais valorizada para negros mestiços (HOOKS, 2001, p. 57–58 *apud* DEVULSKY, 2021, p. 74–75).

Baseando nesse padrão de beleza esbranquiçado, entendemos que a tentativa de embranquecer Nossa Senhora Aparecida trata-se de uma estética criada ao modo aludido pela autora. Afinal, poderia ter a santa uma aparência menos valorizada esteticamente? Seria ela venerada sendo de uma casta inferior? Racistas apresentam dificuldades em ver beleza nos traços negros em pessoas à sua volta, e por isso indagamos: quem dirá a uma santa, que traz o símbolo importante de Mãe do Salvador e Padroeira de todo um país.

Mesmo trazendo o rótulo de belas, mulheres retintas costumam ser, por pessoas racistas, erotizadas, ou melhor dizendo, hipersexualizadas em nossa sociedade, como cita Gabriela Oliveira:

Essas marcas foram carregadas ao longo de todo o processo histórico brasileiro, criando relações de poder e discursos que tem potencial para transformar o corpo negro em um espaço violável, explorável e dominável. As potências dominadoras e exploradoras que o corpo da mulher negra colonizada carrega são capazes de criar estratégias para se adaptar ao desejo do colonizador (OLIVEIRA, 2016, p. 5).

Após o apontamento da autora, questionamos se racistas aceitariam que a mãe de Jesus fosse erotizada, haja vista que a situação dos corpos das negras escravizadas não era só aprisionada aos grilhões do período escravagista colonial, como também a objetificação sexual do bel-prazer do colono branco. Possivelmente nenhum católico, calçado de tal pensar, aceitaria sem repugnar o ato da erotização da mãe de Jesus como grande blasfêmia ou enorme heresia, algo de total desrespeito em grau superlativo com sua fé. Aqui, a visão colonizada considera manter a imagem de mãe e casta à santa. Poderia então, ao olhar colonial e racista, de outrora ou hoje, enxergar mãe e casta uma mulher negra, haja vista o trazido por Oliveira em relação aos corpos dessas mulheres?

A autora corrobora com nossa conjectura ao fazer menção de que: “na opinião geral da sociedade, a mulher negra não poderia ser desejável para um relacionamento oficial” (OLIVEIRA, 2016, p. 10), ou seja, uma mulher que é hipersexualizada e que não é *boa* para se casar, não pode ser a mãe de Cristo. Essa é a nossa primeira hipótese para seu embranquecimento: Nossa Senhora Aparecida não pode ser equivalente a uma mulher hipersexualizada.

A segunda hipótese parte da desvalorização da mãe preta, a qual era obrigada deixar suas proles para educar afetuosamente as de outrem, que ainda é presente no nosso país no papel de mãe invisibilizada. Sonia Roncador (2008, p. 149) analisa que “como todo mito, o da mãe preta tem por função ocultar uma realidade sob um falso efeito de visibilidade”. A autora faz menção à invisibilidade da mulher negra ao lembrar Rita Segato (2006) e a invisibilidade da mulher negra na sua representação estereotipada.

Atualmente, mulheres negras educam muitos filhos de seus patrões brancos como suas ancestrais escravizadas educavam os filhos da casa grande, com uma convivência tão afetuosa que, por vezes, essas crianças carregam costumes delas. Sentindo-se ameaçados, os pais brancos, que apresentam pouca ou nenhuma intimidade com a criança, se sentem *obrigados* a afastar a *mãe preta* de sua prole para então educá-los conforme desejam, sem costumes ou aprendizados decoloniais.

Um exemplo disso foi quando, por certa vez, conversamos informalmente com uma mulher negra que, aparentando estar próxima de seus 80 anos, lembrou-se de que à tenra idade de 8, por conta de dificuldades familiares, foi trabalhar como diarista a uma família de pessoas brancas. Nos contou ser tratada como *filha*, apanhando quando *necessário* e que, após terem os próprios filhos, já em sua pré-adolescência, ela quem os cuidou, e segundo ela, mesmo com as barreiras de classe, raça e cor, os tratou com muito afeto.

Com o passar dos anos, ela esperou que as cinco crianças crescessem, como pediu a patroa, e então, deixou a casa para casar-se e ter seus próprios filhos. Os filhos dos patrões, segundo seu relato, todos se tornaram médicos, e ela, uma mulher negra retinta, trabalhando sem direitos trabalhistas desde os 8 anos, nunca teve a chance de estudar. Nos contou sua história declarando que depois de sua saída da casa, praticamente não teve contato com os filhos e com os antigos patrões, e é dessa maneira que muitas famílias foram formadas no Brasil desde o século XVI.

Mulheres negras foram colocadas no lugar de serventes, empregadas e babás no nosso país, e sem juízo de valores, não com um trabalho justo e honesto (como esses de fato são), mas como reflexo da escravização de pessoas, na obrigação de afrodescendentes carregarem toda uma estrutura colonizada *nas costas* e colocar a Padroeira do Brasil nesse papel de mulher, por vezes hipersexualizada, por vezes doméstica, por vezes babá.

Mas de fato, sempre a negra retinta com papel de destaque social é inaceitável para racistas. Essas mulheres construíram as bases do nosso país e educaram gerações, e ainda que consideradas bem-sucedidas profissional, intelectual e economicamente, continuarão a ser desvalorizadas, como explica Lélia Gonzalez, pelo fato de serem negras:

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que mucama permitida, a da prestação de bens e serviços. Ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse

cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras de classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem-vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuída a “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros dos edifícios obrigam-nos a entrar pela porta de serviço, obedecendo às instruções de síndicos brancos (GONZALES, 1984, p.230-231).

Essa é a nossa segunda hipótese para seu embranquecimento. Segundo a fala das autoras, entendemos que, a figura de mãe ocidental, branca e pura, exibida em outras aparições marianas, não se enquadra na ótica racista de que Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil aos católicos, seja retratada com a face de uma serva. Dialogando com Gonzales, entendemos que de nada adiantou o manto azul ou a coroa, pois mesmo apresentando o que autora descreve como *boa aparência*, está no cotidiano racial, e paramentá-la como branca como fez Princesa Isabel em 1868 com manto de brilhantes, ou coroá-la com ouro e diamantes como o fez em 1884 não é suficiente; a coroação solene de Pio X não basta: é preciso embranquecê-la.

A partir dessa sucinta análise estrutural brasileira, quando reformada, a imagem de Nossa Senhora Aparecida traz consigo, apesar de pequenas diferenças, algumas características de sua iconografia teológica permanecem, conforme observamos na figura 2.

Fig. 2: detalhes acerca da imagem reconstruída de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Templário de Maria, 2020.

No item seguinte, proporemos uma análise por uma ótica material, onde Nossa Senhora Aparecida é representada realmente como branca, ao mesmo modo que, mostrar que há uma teoria defendida por Lourival dos Santos afirmando que a santa nunca fora exaltada como negra, e somente após a Missa dos Quilombos, realizada em 1981 que, pastorais e movimentos sociais da Igreja Católica iniciaram o processo de enegrecimento acerca da Padroeira do Brasil.

Enegrecimento: as teorias de uma santa branca

Temos no Brasil um Santuário dedicado à Nossa Senhora Aparecida em São Manuel, município do interior paulista localizado no distrito que leva o nome da santa: Aparecida, porém, com uma iconografia ímpar da Santa, ao estar retratada com pele branca e traços europeus. Nas palavras do administrador paroquial do santuário, padre Max da Silva Otaviano (G1, 2017), a justificativa dada ao construto da imagem é que as características de sua iconografia preta no Brasil não foram repassadas como deveriam ao artista português que a teria confeccionado. A imagem chegou ao Brasil em 1858.

A paróquia existe desde 1870, e fora elevada a Santuário em 1913, o segundo do Brasil destinado à Nossa Senhora Aparecida. A devoção à santa em São Manuel possui diferenças cruciais: sua festa litúrgica é dia 15 de agosto, data que a Tradição Católica reserva à assunção de Maria aos céus, embora dia 12 de outubro também haja celebração, mesma data de Nossa Senhora Aparecida. A segunda diferença é que em seu interior encontram-se duas imagens distintas suas, sendo uma delas dissemelhante das que estamos habituados:

Fig. 3: Nossa Senhora Aparecida de 1858, retratada como branca.



Fonte: G1

As tentativas de embranquecimento da santa ocorrem há tempos. Quando questionamos seu embranquecimento, ou houve equívoco, ou descuido (velas ou barro), contudo, a imagem branca é aceita por respeito ao artista e ao contribuidor por sua aquisição.

A figura 3 é exemplo do processo. Confeccionada no século XIX, percebemos sutilmente a introdução de Aparecidas *brancas* no mercado no século XXI, aceitas normalmente pelos fiéis e turistas que visitam a Basílica Santuário Nacional de Aparecida, as confeccionando cobertas de pérolas, brilhos e rosas, praticamente legitimando seu clareamento de forma excêntrica, excluindo seu aspecto europeu, é verdade, apenas clareando a santa que surgiu nas águas do rio Paraíba do Sul em 1717. É encontrada facilmente e em número significativo nas galerias da Basílica Santuário Nacional de Aparecida, lojas e feiras do município de Aparecida e na web.

Há poucas análises sobre a importância de embranquecer ou enegrecer a imagem de Nossa Senhora Aparecida na literatura, e sobre o quanto isso pode simbolizar para os fiéis. De modo geral, autores afirmam uma coisa ou outra, mas não o processo de clarear ou escurecer a imagem. É preciso abranger na importância de fazer o fiel sentir-se identificado como parte da história, como se sua narrativa cruzasse com a narrativa da santa, e embranquecer-la seria perder esse aspecto simbólico, extremamente importante ao fiel negro.

Fig. 4: Nossa Senhora Aparecida branca à venda pela internet



Fonte: Meu Santo é Forte.

Há muitas imagens de Nossas Senhoras brancas pelo mundo, e algumas, como Nossa Senhora da Cabeça, possui um embranquecimento muito parecido com o que ocorre com Nossa Senhora Aparecida. Na Espanha, local da aparição que dá o nome Cabeça à santa, ela é

representada com manto vermelho e pele escura, diferentemente da devoção no Brasil², conhecida por ser branca.

Atualmente, a imagem de Nossa Senhora Aparecida é utilizada por muitos adeptos de espectro político de extrema-direita para fazer alusão à Padroeira do Brasil, trazendo sobre a imagem uma discussão política sobre seu papel de Padroeira, mas esquecendo-se de seu histórico para com a negritude e a escravidão, pois, modificando sua imagem, modifica-se também seu significado, trazendo muitas releituras acerca de sua importância.

Muitos são os resultados dessas ações, não apenas para a Padroeira do Brasil, mas para o catolicismo na totalidade. Alguns fiéis não compreendem tais mudanças e expressam sua fé em outros ambientes, como igrejas pentecostais, por exemplo, religiosidades que rejeitam quaisquer representações de imagens e santos e a cor de pele não é questionada.

Um dos poucos trabalhos sobre o processo de mudança na coloração de Nossa Senhora Aparecida foi feito pelo historiador Lourival dos Santos. Em *O enegrecimento da Padroeira do Brasil: religião, racismo e identidade -1854 - 2004* (2013), o autor aponta que até a década de 1970 não havia manifestações sobre sua negritude: “até 1981, as canções guardaram silêncio quanto à suposta negritude da “Aparecida”. Foi apenas sob os auspícios da teologia da libertação que a padroeira enegreceu definitivamente nos cânticos e invocações” (SANTOS, 2013, p. 19, grifo do autor). Para o autor, o que ele classifica como enegrecimento é entendido em várias nuances, que destacamos dois desses ancenúbios. Em um deles, o enegrecimento é um clamor do povo negro:

O enegrecimento da Virgem Maria foi uma demanda da modernidade brasileira. Sentindo-se pertencentes ao povo brasileiro e não a uma minoria étnica, nossos afrodescendentes católicos plasmaram uma Nossa Senhora negra, não para se diferenciarem enquanto grupo específico, mas para permitir a identificação com um todo (SANTOS, 2013, p. 25).

Em outro momento, o autor entende que o enegrecimento é uma espécie de negociação eclesial junto à massa de negros que eram católicos, maioria que compõe a população absoluta do Brasil. Nas palavras do autor:

Tradicionalmente entende-se que no processo de negociação comandando pelo elemento europeu, os índios³ e os afrodescendentes tiveram que se subordinar. Ao contrário disso, defendo a tese de que o enegrecimento de Nossa Senhora da Conceição tenha ocorrido sob a hegemonia negra e a Igreja Católica tenha sido levada a negociar com os afrodescendentes (SANTOS, 2013, p. 27).

Segundo Santos, o enegrecimento foi um plasma do povo afrodescendente brasileiro a algo que nunca teve a cor escura, tal qual, uma estirpe entre o clero com os leigos afrodescendentes. Sua argumentação de enegrecimento possui um recorte que parte de 1854 até 2004, e em sua obra, o autor resgata três imagens da santa decorrentes de 1854 a 1929, como constatamos na figura 5:

Fig. 5: três imagens de Nossa Senhora Aparecida representadas como santas brancas.

² Há no Brasil, além da aparição espanhola, uma devoção singular, conhecida como Nossa Senhora de Santa Cabeça, com processo semelhante à devoção à Nossa Senhora Aparecida, oriunda de uma cabeça de Nossa Senhora encontrada em um curso d’água por pescadores, mas em outro rio, o Tietê.

³ Não substituímos por indígena para manter a publicação original e pensamento do autor.



Fonte: Lourival dos Santos e elaboração dos autores.

Aplicando os estágios de Penn às imagens coletadas, separamos e identificamos seus estágios. Após a seleção (primeiro estágio: quantificação), analisamos cada uma delas (segundo estágio: qualificação). À esquerda, examinamos a imagem de Nossa Senhora Aparecida impressa na França, datada de 1854; ao centro, a primeira imagem impressa de grande circulação da santa no Brasil; à direita, a reprodução de um cartaz italiano de 1929, com a basílica antiga e os pescadores em segundo plano e a santa, com pele branca em destaque.

Ao partirmos para o terceiro estágio, vamos aos níveis de significação mais altos desse compilado. Entendemos que a impressão francesa detém o mesmo equívoco mencionado pelo padre Max Otaviano e a imagem portuguesa do Santuário de São Manuel: o devocionário à santa já existia, porém, as informações sobre sua negritude foram totalmente surrupiadas, gerando a imagem com sua pele branca. Na imagem central, vemos a divulgação da santa inspirada no impresso francês, que divulgava a santa branca aos devotos, cuja data dar-se-á entre o fim do século XIX e início do século XX, datas do fim da escravatura e início da república, cujo código penal de 1890 punia diversas práticas afrodescendentes, como a capoeira e sua religiosidade. E à direita, percebemos o retrato de uma imagem exibindo a primeira basílica dedicada à santa, onde exibe os três pescadores que encontraram o corpo e a cabeça que formaram a imagem e ela, a santa, branca, como se assim fosse. Lembrando que 1929, a Itália estava sob o regime fascista de Benito Mussolini. Tais iconografias nos aproximam do conceito de estética esbranquiçada de Hooks.

Entendemos que o autor classifica às imagens do período imperial e o fim da República Velha, onde os negros, sejam eles escravizados ou livres, tinham pouca ou nenhuma expressão. Em 1850, na Lei de Terras, a dificuldade para que negros tivessem acesso à terra fora explícita, e quatro anos depois, se confecciona a imagem da mãe de Jesus na França, país que, assim como o Brasil, tinha colônias com escravizados africanos. Ao mesmo passo que, uma imagem italiana, no auge do regime fascista, que possuía na África Oriental Italiana colônias no Chifre da África, atuais Eritreia e Somália, e que, com muito esforço, ocuparam por um período as terras da Abissínia, atual Etiópia. Pouco provável que, mesmo com a hipótese de Abdala na

qual os escravizados e quilombolas acreditaram que a imagem de Aparecida sempre fora negra, pelo exposto, franceses e italianos não iriam fazê-la de cor escura.

Por fim, segundo apuramos a fala do padre Max Otaviano e analisamos a teoria do enegrecimento de Santos, existe a discussão de que a imagem, à luz da sua configuração eclesial e europeia, sempre mostrou uma Nossa Senhora Aparecida Branca. Para o sacerdote, houve um erro de informação passada aos europeus sobre os traços afros da imagem venerada do Brasil; já para Santos, ela foi enegrecida por fatores como o plasma do povo afrodescendente e negociação da Igreja Católica com a massa, defendendo que sempre foi branca.

Em contraponto a Santos, que alega o enegrecimento a partir da década de 1980, entendemos que o que ocorreu no período foi um *resgate* da negritude de Aparecida, pois, nas palavras do sacerdote Antônio Aparecido da Silva, o padre Toninho, ele fez referência as dificuldades do afrocatólico à época:

Na década de 1970, os movimentos sociais estavam em evidência. A luta pela superação do regime militar marcava um momento forte dentro do país. Neste contexto, o movimento negro começava a se reorganizar na sociedade civil. Eu e mais alguns jovens padres negros, recém ordenados, começamos a entender que este movimento deveria também ter seu braço na igreja, pois a discriminação que os negros sofriam na sociedade civil, também era vivida dentro das igrejas. Entendíamos que se a igreja não acompanhasse as conquistas dos negros na sociedade civil, ela, que deveria estar à frente, ficaria para trás. Naquela época, não víamos negros nos primeiros escalões das instituições civis, nem tampouco nos primeiros escalões da igreja. Era evidente que para superar esse problema deveríamos iniciar um trabalho de conscientização (SILVA, 2001).

Desse trabalho de conscientização surgiu os Agentes de Pastorais Negros, os APNs, e a Missa dos Quilombos de 1981, embrionários do que hoje é a Pastoral Afro-brasileira. Foi a partir dos APNs que surgiram palavras como *Mariama*, oriunda da Invocação à Mariama, proferida por Dom Helder Câmara na Missa dos Quilombos, e *Senhora Negra* e *Soberana Quilombola*, extraídos da canção composta por Sérgio Pererê, em referência à Nossa Senhora Aparecida e sua negritude. A nós, do mesmo modo que o relato de administrador paroquial do santuário de São Manuel assemelha-se à estética esbranquiçada, conjecturamos que o ocorrido pós-1980 foi o resgate da negritude perdida de Aparecida, e não seu enegrecimento.

Seja como for, finalizamos o item compreendendo que devotos a veneram como santa branca, ao mesmo passo que devotos e turistas adquirem sua imagem clara e com ela ornam suas casas, carros, altares particulares e seu corpo com os mais difusos acessórios.

Considerações Finais

Para nossas considerações finais, entendemos que seu enegrecimento e embranquecimento são um processo histórico, cujo pavimento em que cada autor trilha são as hermenêuticas por onde enveredam.

A nosso ocelar, após analisar as teorias de autoras contra coloniais, propomos que Nossa Senhora Aparecida passa por um processo de embranquecimento devido ao processo colonial e os ecos racistas acerca de seus corpos negros, e que a condição da mulher negra construída pelo matriarcado branco racista colonial coleta subsídios para compreensão de que, a mãe de Jesus escura é um sofisma, e que clarear a santa seria a distanciar de uma hipersexualização, como encontramos em Oliveira, assim como a classe social baixa e invisibilizada na qual enxergam as mulheres negras, descrito por Gonzales e Roncador, ou simplesmente, uma estética esbranquiçada planejada na categoria de análise proposta por Hooks.

À vista que propomos analisar àqueles que defendem sua branquitude. Essa vereda argumenta que ela é branca por uma concepção europeia de Maria, fruto de um erro de comunicação entre partes. Por outro lado, autores defendem que ela sempre foi branca, enegrecida após a década de 1980.

Concluímos o artigo com a fala do padre Toninho, que nos apresenta a negritude de Nossa Senhora Aparecida como parte da luta do negro que, nas décadas de 1970 se articulava contra todas as formas raciais existentes na sociedade, onde na Igreja Católica se fazia presente. Portanto, não se trata de enegrecer, e sim, enfrentar uma estrutura racista que difama as mulheres negras.

Bibliografia

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**: feminismos plurais. São Paulo: Polén, 2019, 162p.
- CONHEÇA detalhes e curiosidades sobre a imagem de Nossa Senhora Aparecida e sua história. **Templário de Maria**, Campinas, 12 out. 2023. Disponível em: <https://templariodemaria.com/curiosidades-sobre-a-historia-da-imagem-de-nossa-senhora-aparecida/>. Acesso em: 01 out. 2024.
- DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 223p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008, 220p.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexism na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984, p. 223–244.
- HOOKS, Bell. **Salvation: Black People and Love**. New York: Harper-Perennial, 2001, 256p.
- MOTA, Camilla Veras. Lei do Ventre Livre: como as mulheres escravizadas davam à luz no Brasil? **BBC News Brasil**, São Paulo, 28 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58714098>. Acesso em: 02 out. 2024.
- NERY, Beatriz. A imagem de Nossa Senhora Aparecida sempre foi negra? **A12**, Aparecida, 12 out. 2023. Disponível em: <https://www.a12.com/radio/noticias/imagem-de-nossa-senhora-aparecida-sempre-foi-negra>. Acesso em: 02 out. 2024.
- OLIVEIRA, Gabriela Almeida. **Mulheres Negras: corpos em luta**. 2016. 25 f. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Católica de

Brasília, Brasília, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/9482/1/GabrielaAlmeidaOliveiraTCGradua%C3%A7%C3%A3o2016.pdf>. Acesso em: 02 out. 2024.

On-line TEMPLÁRIO DE MARIA. **Texto do post.** Campinas, 12 out. 2020. Facebook: templariodemaria. Disponível em: <https://www.facebook.com/templariodemaria/posts/em-1978-houve-um-atentado-%C3%A0-imagem-original-de-nossa-senhora-aparecida-executado/1519887771543481/>. Acesso em: 01 out. 2024.

PENN, Gemma. **Análise semiótica de imagens paradas.** In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org). Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 319-342.

POR QUE Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, é negra? **G1**, São José dos Campos, 12 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-pariba-regiao/festa-da-padroeira/noticia/2023/10/12/por-que-nossa-senhora-aparecida-padroeira-do-brasil-e-negra.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2024.

REBS, Rebecca Recuero. **Reflexão Epistemológica da Pesquisa Netnográfica.** Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília, n.8, 2011, p.74-102.

RONCADOR, Sônia. **O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31, Brasília, 2008, p.129-152.

SANTOS, Lourival dos. **O enegrecimento da Padroeira do Brasil: religião, racismo e identidade 1854 – 2004.** Salvador: Pontocom, 2013, 199p.

SEGATO, Rita Laura. **O édipo brasileiro: a dupla negação de gênero em raça,** 2006. Disponível em: dan2.unb.br/images/doc/Serie400empdf.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

SEGUNDO Santuário do Brasil de Nossa Senhora Aparecida tem imagem diferente da santa. **G1**, Bauru, 12 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/segundo-santuario-do-brasil-de-nossa-senhora-aparecida-tem-imagem-diferente-da-santa.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Antônio Aparecido da. Padre Toninho. [Entrevista concedida a] Milton César Nicolau. **Portal Afro**, São Paulo, 2001. Disponível em: https://www.portalafro.com.br/dados_seguranca/entrevistas/padretoni/toninho.htm. Acesso em: 02 out. 2024.